



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

“Quando a educação participativa se torna perversa”: paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre encarregados de educação e professores na Cidade de Maputo.

Candidato: Vando Henrique Muando

Supervisor: Danúbio Walter Afonso Lihahé

Maputo, Agosto de 2017

Vando Henrique Muando

“Quando a educação participativa se torna perversa”. Paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre encarregados de educação e professores na Escola Primária Completa Unidade 19 na Cidade de Maputo

Trabalho de culminação de curso na modalidade de projecto de pesquisa apresentado em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Declaração de Honra

Eu, Vando Henrique Muando, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim de curso, nunca foi apresentado parcialmente ou na sua íntegra para a obtenção de qualquer grau académico, e que o mesmo constitui resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

O Autor:

Vando Henrique Muando
Maputo, Agosto de 2017

Dedicatória

A minha avó Zena Ali Abudo por me criar e me ajudar desde o princípio da minha escolarização, e aos meus pais, minuciosamente a minha falecida mãe Anifa Abudo Namalie que sempre acreditou no meu potencial para a concretização deste feito. Descanse em paz mãe.

Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho, de forma directa ou indirecta. A estas pessoas vai o meu maior agradecimento.

O meu primeiro agradecimento vai para o Dr. Danúbio Afonso Walter Lihabe pela disponibilidade, paciência, compreensão, críticas e sugestões metodológicas para o melhoramento do trabalho. Agradecer a todos os docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia, que me deram aulas durante a minha formação académica, o meu muito obrigado.

A minha família, aos meus avós Amade Namalie e Zena Ali Abudo, Avó Zena que sempre acreditou em mim transmitindo-me valores para a construção de um homem, aos meus pais Henrique Alberto Muando e Anifa Abudo Namalie pela confiança e amor transmitido, aos meus primos e tias por ajudarem sempre que pudessem.

Agradecer a todos meus colegas do Curso de Antropologia (geração 2013), minuciosamente, ao Obonyo Guerra, Rui Raimundo Namaliher pela força e companhia durante a formação, ao meu grupo da turma, aos meus amigos do Bairro e não só, Alberto Nunes, Dário Tamele, Dilman Pinto, Arlindo Vilanculos, Zé António, Samuel Nunes, Momed Algi Daude, Jaime Mondlane, Abilio Luciasse, Liselina Cipriano, Gildo Fenias, Leonel Tembe, Gregório Marcos, Sheila Dimande, Jonasse e Venacio Cumaio, ao Agostinho Pelembe Pelé, aos irmãos Badru e a todos amigos que não foram aqui mencionados, agradeço de coração.

Agradecer aos professores da Escola Primária Completa Unidade 19 e aos encarregados de educação pela recepção, e a todos os participantes neste trabalho por terem compartilhado as suas experiências, o meu muito obrigado.

Lista de abreviaturas

EPCU19 - Escola Primária Completa Unidade19

MINED - Ministério da Educação

EP1 - Ensino Primário do 1ª grau

EP2 - Ensino Primário do 2ª grau

UNICEF- *United NationsInternationalChildren's EmergencyFund*, (em português :Fundo das Nações Unidas para a Infância).

IMAP - Instituto do Magistério Primário

SNE - Sistema Nacional de Educação

T.P.C - Trabalho para casa

IFP - Instituto de formação de professores

U.E.M – Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

O presente trabalho tem como objectivo, analisar como é que os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos influenciam na relação entre encarregados de educação e professores na Escola Primária Completa Unidade 19. Sendo assim a pesquisa baseou-se na abordagem qualitativa, que consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas aos encarregados de educação, a alguns membros da Direcção da Escola (Directora da Escola e professores).

O estudo foi realizado na Escola Primária Completa Unidade 19 e no Bairro do Aeroporto, Bairro onde situa-se esta Escola. O estudo mostrou que os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre encarregados de educação e professores na Escola Primária Completa Unidade 19, são decorrentes: da fraca formação dos professores, do fraco domínio das línguas locais pelos professores e dos baixos salários recebidos por estes, aliados ao fraco domínio da língua portuguesa e o alto índice de analfabetismo por parte dos encarregados de educação.

O estudo demonstra que é crucial uma relação de comunicação entre encarregados de educação e professores, para o alcance do entendimento e satisfação das necessidades de ambos na escola. Sendo assim, chegou-se a conclusão que a comunicação entre os encarregados de educação e professores no processo educacional é determinante para a superação ou minimização dos paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre ambos.

Palavras-chave: encarregados de educação, educação participativa, comunicação.

Índice

Declaração de Honra	I
Dedicatória.....	II
Agradecimentos	III
Lista de abreviaturas	IV
Resumo	V
Capítulo I.....	1
1. Introdução.....	1
1.1. Educação em Moçambique	5
1.2. Justificativa.....	7
Capítulo II.....	9
2.Revisão da literatura.....	9
2.1 Problemática	12
Capítulo III.....	16
3. Quadro teórico e conceptual	16
3.1. Quadro teórico	16
3.2. Quadro Conceptual.....	17
3.2.1.Encarregados de educação	17
3.2.2.Educação Participativa	18
3.2.3. Comunicação	19
4. Metodologia.....	22
4.1. Procedimentos metodológicos.....	22
4.2. Técnica de recolha de dados	22
4.3. Fases da pesquisa	22
4.4. Local de estudo.....	24
4.5. Constrangimentos	24
Capítulo V.....	26
5. Apresentação e discussão dos resultados.	26
5.1. Perfil do grupo alvo (informantes)	26
5.2. Nuances inerentes a educação participativa entre professores, encarregados de educação e educandos da EPCU19.....	27
5.3. Limitações e obstáculos comunicacionais entre encarregados de educação e professores na EPCU19.	30

5.4. Elementos comunicacionais e linguísticos entre os encarregados de educação e professores da EPCU19	33
5.5. Paradoxos, comunicação e educação no contexto deste estudo.....	37
Considerações finais.....	40
Referências bibliográficas	41

Capítulo I

1. Introdução

“Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem, por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais”.

(Freire, 1983:15)

O presente trabalho tem como objectivo, analisar como é que os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos influenciam na relação entre encarregados de educação e professores na Escola Primária Completa Unidade 19,

A EPCU19 localiza-se no Bairro do Aeroporto “A” no Distrito Municipal Ka-Nlhamankulo, na Cidade de Maputo. Segundo o Chefe de Quarteirão, Paulo Cumongue, o Bairro do Aeroporto tem uma densidade populacional avaliada em 24401 habitantes, entre jovens, crianças e idosos que distribuem-se numa área de $25845.65m^{12}$. A maior parte dos habitantes do Bairro do Aeroporto, falam a língua *changana* no seu quotidiano, e poucos falam português.

A maior parte dos encarregados de educação da EPCU19, são mulheres idosas com uma baixa instrução académica (a maioria não sabe ler e escrever), o português falado muitas vezes é misturado com a língua local *ronda*, e a língua *ronga* é também misturada muitas vezes com o *changana* que é uma outra língua local moçambicana. O resto dos encarregados são jovens que se dividem em: (1) estudantes, (2) empregados, (3) desempregados e (4) uma mistura entre os primeiros três pontos.

Na Escola, a língua de ensino é o português, que é a língua oficial de Moçambique, no entanto, como afirma a UNICEF (2010), Moçambique tem 19 línguas locais, e a maioria da

¹Paulo Cumongue chefe do quarteirão 36 no bairro do aeroporto “A” em Maputo

comunidade fala na sua língua local em casa. Isso tem repercussões negativas na comunicação entre professores e encarregados de educação².

Partindo dessas informações do bairro e da escola, decidi elaborar os seguintes objectivos específicos: pretendo neste trabalho descrever as nuances inerentes a educação participativa entre professores, encarregados de educação e educandos da EPCU19, identificar os elementos comunicacionais e linguísticos entre encarregados de educação e professores da EPCU19, e por último identificar as limitações e obstáculos comunicacionais entre encarregados de educação e professores da EPCU19.

Muitos autores têm evidenciado os benefícios de um trabalho de parceria entre encarregados e professores, no entanto, esta consciência nem sempre se traduz numa aproximação efectiva da família e a escola. A língua tem se afigurado como um dos aspectos fundamentais dentre os vários que podem contribuir para uma fraca ou boa interacção entre professores e encarregados de educação. O fraco domínio da língua portuguesa por parte dos encarregados e do *changana* por parte dos professores, tem minado a comunicação entre ambos, dificultando assim a sua interacção e o desenvolvimento de um processo educacional participativo, que evolva estes dois actores e os seus educandos.

Não obstante existir uma relação, a extensão dos contactos entre os professores e encarregados de educação da EPCU19 é diminuta, resumindo-se praticamente ao envio de mensagens via bilhete ou via telefone celular quando as crianças têm algum problema, e a participação dos encarregados, ainda assim, é fraca.

Este mecanismo, envio de bilhetes com mensagens por parte dos professores, para a sua aproximação aos encarregados de educação seria pouco incentivador, porque muitos encarregados não sabem ler nem escrever, muito menos falar português, claramente não iam ler os bilhetes. Esta situação revela-nos o paradoxo vivenciado pelos encarregados de educação e os professores.

Benavente (1990), concluiu que os professores entendem, na sua maioria, o papel dos pais como um papel consultivo ou de colaboração e apoio, quando, onde e como os “professores” o determinam³.

²www.unicef.org/mz/.../Pobreza-Infantil-e-Disparidades-2010-04-Capítulo-4.pdf acessado a 10/05/2017.

As suas respostas podem distribuir-se do seguinte modo: *papel consultivo* onde os pais só deverão colaborar cada vez que lhes pedem, em festas, em visitas de estudo, na limpeza e na higiene da escola e pô-los ao corrente de algum problema que exista; enquadramento e apoio aos filhos no sentido de motivá-los em casa, interessarem-se pelos resultados escolares; colaborar com o professor prolongando o seu trabalho em casa, mas só e apenas segundo as suas orientações; papel de não ingerência pois não estão preparados para se “meterem” nos assuntos da escola, os pais deveriam ter um papel importante, mas sempre que vão à escola criam problemas e complicam as situações; *idem*.

Não obstante a observação feita por Benavente (1990), pensamos que os encarregados têm direito a uma informação mais constante. Para informar os pais, deveria ser suficiente que os professores fizessem um esforço periódico de síntese e de tradução de elementos que devem, de qualquer forma, reunir para guiar as aprendizagens, os encarregados de educação precisam de uma informação regular para assumir as suas responsabilidades.

Que tipo de relação existe entre encarregados de educação e professores? Essa, é uma questão pertinente e que merece magnitude no trabalho. Os encarregados mostram-se disponíveis para contactos com a escola, e esta nem sempre potencializa a disponibilidade. Certas atitudes e certos critérios da escola dificultam a interacção entre ambas partes, e atribuem as dificuldades escolares aos encarregados.

Uma observação prévia na EPCU19, deu a entender que não existe igualdade de participação dos encarregados de educação nos diferentes grupos sociais, confirmando-se dessa forma que o nível de comunicação entre os encarregados e professores depende da posição social dos encarregados e seus educandos, registando-se um maior afastamento das famílias de baixa renda.

Comer (1995), refere que sem interacções positivas entre a família e professores, os alunos com pais de baixa renda ou muito diferentes do estilo ou interesses da cultura da escola, estão menos aptos a receber a preparação e o apoio necessário por parte dos professores e da escola⁴.

³Maria, P, dos Reis (2008). Relação entre Pais e Professores: Uma Construção de Proximidade para uma Escola de sucesso, Tese de Doutoramento, Universidade de Málaga, Faculdade de Ciências de Educação.

⁴Maria, P, dos Reis (2008). *Idem*.

Um outro aspecto que merece a nossa atenção, refere-se a seguinte questão; quantos professores tiveram oportunidades de frequentar capacitações ou cursos sobre as necessidades de encarregados de educação ou famílias, e como eles poderiam trabalhar juntos? Infelizmente, esse tipo de capacitação ainda não é levado a cabo nos centros de formação de professores em Moçambique, o que complica ainda mais os níveis de comunicação entre professores e encarregados de educação.

Segundo a UNICEF (2010), não existe nenhum sistema estruturado ou política de formação de professores em exercício em Moçambique. A formação em exercício é geralmente executada em regime *ad hoc* nos IFPs, principalmente impulsionada por exigências centrais e não com base na avaliação das necessidades locais. Como resultado, há várias intervenções de formação de professores em exercício de curto prazo a serem apoiadas por parceiros, que decorrem em paralelo. Estas intervenções continuam descoordenadas e insustentáveis e têm pouco impacto institucional ou pouco impacto duradouro no desenvolvimento profissional dos professores⁵.

Ainda sobre os professores, muitos encarregados compreendem que o salário dos professores não corresponde ao seu trabalho, abaixa moral dos professores tem como uma das principais causas os salários que são muitas vezes pagos com meses de atraso, especialmente os dos professores recém-contratados, o que os leva a abandonar os seus postos ou a privilegiar outras actividades. Os encarregados, vêm a origem de muitos dos problemas existentes nas escolas, na falta de um tratamento condigno ao professor, por parte do Governo (UNICEF, 2010), *idem*.

Para a realização deste trabalho, tive como motivação a minha avó materna, que sempre se preocupou com a minha escolarização, os meus trabalhos de casa, sempre deu magnitude as solicitações dos professores para a comparência dela na escola.

Um outro aspecto, foi a cadeira de Antropologia de Educação que tinha como principal objectivo a ideia de que a escola deve levar em consideração os contextos culturais dos alunos, prover uma educação participativa entre aluno, professor e família. Esses aspectos suscitaram alguma curiosidade que levou-me a querer estudar a relação entre encarregados de educação e os professores.

⁵ www.unicef.org/mz/.../Pobreza-Infantil-e-Disparidades-2010-04-Capitulo-4.pdf acessado a 10/05/2017.

Assim, com base nos pontos previamente lançados acima, formulou-se a seguinte pergunta de partida: De que forma os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos influenciam na relação entre encarregados de educação e professores na EPCU19.

1.1. Educação em Moçambique

A sociedade Moçambicana olha para a educação através do pensamento que o mundo tem, considerando a educação como sendo um factor essencial para os progressos perspectivados na saúde e nutrição, na preservação dum ambiente de alta qualidade e na melhoria dos níveis de “*stock*” duma mão-de-obra capaz de assumir as suas responsabilidades na vida política, económica, social e cultural (MINED, 1995).

Segundo Delors (2003), a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. A educação é um vínculo pelo qual os seres se orientam para a satisfação dos seus interesses individuais e colectivos.

A educação deve transmitir, de facto, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências futuras. Sendo assim, cabe a educação, fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dela, *idem*,

A escola, como uma instituição surge na Europa ocidental, com o Iluminismo no século XVIII. Nessa altura a escola visava homogeneizar, ou seja, uniformizar as pessoas. Essa uniformização era feita através de um processo de escolarização que obedece a um currículo específico (Sobral, 2000; Shweder, 1997).⁶

Com a colonização, a escola expande-se para outros contextos fora de Europa incluindo Moçambique. No âmbito da *concordata* de 1940, a escola foi introduzida para domesticar e subordinar os moçambicanos para melhor servir aos portugueses. Essa domesticação era feita através do ensino indígena a partir do qual vem difundida a língua e costumes portugueses aos moçambicanos (Mazula, 1995; Ngoenha, 2000), *idem*.

⁶Nhantumbo, M.B (2010). Percepções sobre o papel da Escola entre os alunos da Escola Primária. Uma análise a partir da Escola Primária de nhamatema, Bárue, Manica. Departamento de arqueologia e antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de letras e ciências sociais.

Segundo Ngoenha (2000), durante a época colonial em Moçambique, a política colonial da educação defendia que todo o educador não português tinha que estar em conflito com os objectivos básicos da educação colonial. Com tudo, a lógica queria que os nacionalizadores tivessem inundado o território moçambicano de escolas, mas paradoxalmente, a rede escolar portuguesa era a mais fraca de todos os impérios coloniais.

A partir de 1975, o Governo de Moçambique nacionaliza o ensino num momento em que não tinha meios de garantir o nível de escolarização administrada no país até então. O Governo não tinha recursos humanos nem infra-estruturas para assegurar uma educação a toda a massa de crianças que doravante, tinha acesso a escola. Não obstante, os termos usados nos anos que se seguiram a independência (1975) para expressar a necessidade de estender a escolarização para todos os moçambicanos, foi “*massificação*” da educação que acabava gerindo um paradoxo, (Ngoenha, 2000; Castiano, 2005).

Segundo Castiano (2005), entre 1975 a 1977 estendeu-se a rede escolar a um número de crianças nunca igualado, por outra, esta massificação não passou de uma vontade política cujo a realização foi parcial, pois ela não foi acompanhada de medidas estruturais que permitiriam uma boa qualidade e um equilíbrio de oferta a todos os níveis e nas diferentes regiões do país.

Em 1983 foi introduzido, em Moçambique, o Sistema Nacional de Educação (SNE) através da Lei Nº 4/83, de 23 de Março o qual nove anos mais tarde viria a ser reajustado pela Lei Nº 6/92, de 6 de Maio, com vista a adequá-lo, do ponto de vista pedagógico e organizativo, à nova conjuntura política, económica e social do País e do mundo.⁷

Segundo Ngoenha (2000), em 1984 com a entrada do Banco Mundial em Moçambique, a escola passa a transmitir para os moçambicanos, valores da democracia e do liberalismo, que supõe participação, mas também iniciativa.

Entretanto, o MINED empreendeu esforços no sentido de expandir a rede escolar. No quadro das políticas de expansão do ensino e em consonância com a alínea b) do artigo 1 da Lei 6/92

⁷JOSE, Cossa (2013). Influencia dos Pais ou Encarregados de Encarregados no Desempenho Escolar dos Educandos: Caso da 8ª classe da Escola Comunitária Nossa Senhora do Livramento, no Município da Matola, B-T-3, Dissertação de Mestrado, U.E.M. Maputo.

de 06 de Maio, o Estado passou a permitir "a participação de outras entidades, incluindo comunitárias, cooperativas, empresariais e privadas no processo educativo"⁸

É neste contexto, que trouxemos o presente trabalho com o objectivo de analisar de que forma os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos influenciam na relação entre encarregados de educação e professores na Escola Primária Completa Unidade 19 na Cidade de Maputo.

Muitos estudos realizados em Moçambique sobre a temática da educação tem evidenciado a necessidade da relação entre encarregados de educação e professores, mas são escassos estudos que falam sobre a profundidade dessa relação, sobre que barreiras enfrentam os envolvidos, que elementos contribuem para o rompimento dessa relação ou fortificação.

É preciso conhecermos as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que os Directores e os professores realizam para a sua participação na escola. Para tal, precisamos de nos despir da postura de juízos que condenam sem conhecer as razões e incorporarmos o espírito investigador que busca as causas para o desconhecido.

Será necessário que o professor dos nossos dias seja criativo e consiga fazer esta aproximação da família com a escola. Ele próprio também faz parte de uma família, mas para tal, é necessário melhorar as condições de vida e de trabalho dos professores, desde a formação até aos salários que recebem.

1.2. Justificativa.

Salienta Coelho (2011), que o reconhecimento da diferença social-cultural nas instituições escolares, não permite aceitar nenhum tipo de discriminação aos sujeitos que as frequentam. O requisito para uma educação democrática é o critério de qualidade, pois a diferença deve ser considerada para que se possam alcançar os mesmos objectivos educacionais.

O interesse pelo tema, partiu da convivência com a minha avó materna, que sempre se preocupou com a minha escolarização, os meus trabalhos de casa, sempre deu magnitude as solicitações dos professores para a comparência dela na escola.

⁸JOSÉ, Cossa (2013), idem.

Um outro aspecto, foi a cadeira de Antropologia de Educação que tinha como principal objectivo a ideia de que a escola deve levar em consideração os contextos culturais dos alunos, prover uma educação participativa entre encarregado de educação, aluno, professor entre outros. Esses aspectos suscitaram alguma curiosidade que levou-me a querer estudar a relação entre encarregados de educação e os professores.

Segundo UNESCO (2015), no ano 2000, o país assinou um compromisso em Dakar que tinha como principal objectivo assegurar que todos os cidadãos, sem discriminação tenham acesso a educação básica de qualidade, até o ano 2015. A rede escolar foi estendida para vários locais do país, houve aumento do acesso e equidade de género em todos os níveis de ensino, porém, a qualidade foi afectada pelo crescimento acelerado dos efectivos escolares.

Este trabalho é pertinente na medida em que vem reflectir sobre alguns aspectos que contribuíram para o não alcance das metas estipuladas no acordo de Dakar no período estipulado, e sugerir possíveis sugestões para se ultrapassarem as barreiras que impediram o cumprimento do acordo.

Não obstante, o estudo é também pertinente, na medida em que vai sensibilizar as instituições de formação de professores a considerar ou a prever nos seus planos de formação conteúdos que visem a apoiar os encarregados de educação e alunos, em particular, alunos com mau aproveitamento.

A EPCU19 foi escolhida para a realização deste trabalho porque apresenta aspectos frequentes relacionados com paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre encarregados de educação e professores.

Este trabalho é relevante porque pode contribuir para esclarecer o papel, o lugar e a forma como os encarregados de educação e os professores podem participar no processo de educação dos seus educandos na escola, através do aprofundamento da relação entre eles. Por outro lado, o aprofundamento desta relação pode conduzir para o melhorar o funcionamento da escola, nomeadamente no favorecimento de estratégias inovadoras ao nível da relação escola-família, conducentes a uma mudança estrutural neste sector.

Capítulo II

2.Revisão da literatura

Neste capítulo, interessa-nos analisar a literatura sobre a educação com enfoque na relação entre professores e encarregados de educação. A temática da educação tornou-se algo preocupante na investigação e em diferentes campos do saber nas ciências sociais, e cada um com suas abordagens específicas, a Antropologia não fugiu a regra.

Sobreira (1998), argumenta que o olhar antropológico sobre a educação considera o contexto social e cultural em que a criança, o jovem e o adulto estão inseridos. Isto significa considerar que essas 3 (três) categorias são diferentes e pertencem a classes sociais diversas. Os hábitos, os costumes e valores presentes nas famílias, na comunidade a qual pertence, interferem na sua percepção de mundo e na sua inserção, como também os hábitos, os costumes e valores dos profissionais que actuam junto a eles no ambiente escola, precisam ser considerados e discutidas.

A relação entre Antropologia e educação possibilita a formação de um saber heterogéneo, um saber de fronteira, que trará ao professor ferramentas para um melhor entendimento sobre as inúmeras diversidades culturais (Coelho, 2011).

Salienta Coelho (2011), que o reconhecimento da diferença social-cultural nas instituições escolares, não permite aceitar nenhum tipo de discriminação aos sujeitos que as frequentam. O requisito para uma educação democrática é o critério de qualidade, pois a diferença deve ser considerada para que se possam alcançar os mesmos objectivos educacionais.

Essa base teórica propõe fundamentos, estabelece directrizes para que se possa optar por uma tendência pedagógica que vá privilegiar certos procedimentos metodológicos, a seleccionar noções e conteúdos básicos das áreas de conhecimento que vão favorecer o ensino e aprendizagem (idem).

Para Monteiro (2008), a família penetra demasiado nas questões escolares, e a escola nas questões familiares. Cada qual deve saber os seus papéis e perceber como os mesmos são diferentes "O papel dos pais é de autoridade/cuidador, não forçosamente pedagógico, e o papel da escola é o pedagógico, sem perder o seu carácter de autoridade e sem se esvaziar na componente técnica.

Para Pinto (2006), o afastamento dos encarregados de educação é justificada pela perspectiva redutora acerca do seu papel na escola, pela falta de confiança nas suas capacidades.

Na verdade, vemos muitas vezes os pais a livrarem-se da sua responsabilidade, acoberto de métodos educativos utilizados pelos professores e, por outro lado, os professores oferecem aos pais “receitas educativas” que criam uma certa ansiedade no acto educativo tornando toda esta relação pouco natural.

O estudo de Cardoso (2004) sobre A participação dos encarregados de educação nos órgãos de gestão das escolas, como contributo para a reflexão do desenvolvimento de uma “cultura participativa” e definição de uma política educativa de escola, conclui que, embora os encarregados de educação valorizem a participação, consideram que não existe uma cultura de participação. Como factores impeditivos do desenvolvimento de práticas de participação surge a dificuldade que as associações de pais têm em motivar os seus associados, a dificuldade em conciliar a actividade profissional com o horário das reuniões dos órgãos, e existir alguma falta de aceitação ou resistência por parte dos professores.

Os resultados deste estudo parecem confirmar que não existem estratégias para dinamizar a participação dos pais, quer por parte da escola, quer por parte das associações de pais.

Para Montandon (1987) citada por Diogo (1998, p. 47), Nas famílias actuais os pais são, por um lado, impelidos a considerar as relações afectivas com as crianças numa óptica quase profissionalizada, seguindo à letra os conselhos dos pediatras e de outros especialistas da infância e, por outro, são impelidos a encarar tudo o que é instrumental, por exemplo, a escolarização, a integração profissional ou o futuro, com a ansiedade típica de um investimento afectivo...as relações entre pais e filhos têm sido psicologizadas mais do que sentimentalizadas.

Afirma Dos santos (1987), que a relação entre professores e encarregados de educação, pode ajudar na aprendizagem de coisas que a escola não consegue por si só dar conta. A pergunta é! Que tipo de relação?

Segundo Lousada (1998) citado por Caracóis (2001), a Escola e a família são duas instituições que preocupam-se com a formação integral dos alunos e torna-se necessário conjugar esforços e desenvolver as interações professor/pais para poder facilitar a tarefa que ambos têm - a da formação dos alunos/filhos mas na realidade o que acontece é uma ambivalência de atitudes e comportamentos dos dois grupos perante a criança.

Os professores desejam que as suas orientações tenham continuidade em casa, mas por vezes não gostam nem permitem que os pais interfiram nas suas salas de aula. Por outro lado, os pais nem sempre apoiam os professores, pois raramente estão presentes aquando das solicitações da Escola.

Paulo Freire desenvolve o termo extensão, que segundo Freire (1983), extensão é um termo que se encontra em relação significativa com transmissão, mecanismo, invasão cultural, manipulação entre outros.

Concordo com Freire (1983), a extensão é característico de muitos professores devido a sua autoridade pedagógica e também pela sua posição de detentora de conhecimento, o que lhe incute uma certa posição hegemónica de conhecimento que lhe faz perder de vista um vasto nível de informação que os encarregados tem a dar a respeito deles e dos seus educandos. Muitos encarregados vitimas desse tipo de relação, são encarregados com nível económico baixo e analfabetos.

Cardoso (2003) considera que é necessário reconhecer a escola como lugar de encontro de culturas, pelo que de acordo com Cogo (2002), é preciso educar para a comunicação, pois esta é potenciadora do diálogo intercultural.

Salienta Freire (1983), que a comunicação, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. Esta função, por sua vez, não é a extensão do conteúdo significativo do significado, objecto do pensar e do conhecer. Comunicar é comunicar-se em torno do significado significativo. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados são objecto de seu pensar *se comunicam* seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo,

Frisa Villas-Boas (2001), que devem-se criar e desenvolver laços e mecanismos de comunicação que permita o entendimento e o engrandecimento mútuo dos indivíduos e das culturas.

Sendo assim, a literatura nos apresenta duas linhas de abordagem, a primeira que sustenta a ideia de que a escola e a família devem assumir e dirigir espaços diferentes, sendo a escola na escola e a família em casa, sem entrosamento algum, porque o entrosamento pode contribuir para a complicação do trabalho do professor, devido a falta de competências académicas, entre outras características por parte dos encarregados de educação. A segunda diz respeito a necessidade de haver um entrosamento, uma relação de comunicação, de diálogo entre encarregados de educação e professores que incentiva a participação activa dos encarregados.

Diante das duas perspectivas, nos distanciamos da primeira porque não leva em consideração a comunicação entre professores e encarregados e perde de vista factores económicos, sociais e culturais que determinam o bom ou mau desempenho dos educandos, e escolhemos a segunda perspectiva, essa perspectiva incide no nosso objecto de estudo, destacando-se da primeira, porque não rompe a ligação entre encarregados de educação e professores, e parte do princípio que com uma relação de comunicação entre professores e encarregados, podem-se conhecer os problemas que influenciam no aproveitamento escolar dos seus educandos, como também, superar ou minimizar os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre professores e encarregados de educação na EPCU19.

2.1 Problemática

A temática da educação tornou-se algo preocupante na investigação e em diferentes campos do saber nas ciências sociais. A sociedade Moçambicana por sua vez, olha para a educação através do pensamento que o mundo tem, considerando a educação como sendo um factor essencial para os progressos perspectivados na saúde e nutrição, na preservação dum ambiente de alta qualidade e na melhoria dos níveis de “stock” duma mão-de-obra capaz de assumir as suas responsabilidades na vida política, económica, social e cultural (MINED, 1995).

Segundo a UNESCO (2015), “no ano 2000, o país assinou um compromisso em Dakar que tinha como principal objectivo assegurar que todos os cidadãos, sem discriminação tenham acesso a educação básica de qualidade, até o ano 2015”.

O país realizou reformas importantes no que cerne ao ensino pré-escolar. Aboliu as taxas de matrícula para o EP1 e EP2, introduziu o apoio directo as escolas, reforçou o programa de distribuição gratuita do livro escolar e introduziu novos modelos de formação de professores para o ensino primário e secundário, sem deixar de lado o ensino técnico e superior que também tiveram alguns benefícios nessa reforma, *Idem*.

Estas acções tiveram efeitos positivos sobre o aumento do acesso e equidade de género em todos os níveis de ensino. Porém, a qualidade foi afectada pelo crescimento acelerado dos efectivos escolares. Não obstante a isso, a aprendizagem da leitura e escrita em particular nas primeiras classes do ensino primário, constitui actualmente um desafio que afecta negativamente a aprendizagem nas classes subsequentes. *Idem*.

Salienta ainda Castiano (2005), que o “sonho” de uma educação para todos até 2015 na probabilidade de ser atingido, será provavelmente reduzido para termos quantitativos, havendo de facto “analfabetos” sob ponto de vista de capacidade de usar os conhecimentos adquiridos na escolaridade para desenvolver as habilidades de leitura, escrita e cálculos, a fim de responder as necessidades da vida.

O ponto de vista de Castiano (2005), reflecte-se nos anos que correm, havendo muitas crianças frequentando as escolas mas sem capacidade de usar os conhecimentos adquiridos na escolaridade para desenvolver outras habilidades que o autor mencionou, mas os problemas da educação são ainda mais profundos.

A literatura mostra a necessidade de relação e comunicação entre a família e escola para um bom aproveitamento escolar dos educandos, melhoramento da qualidade e redução do nível de desistência escolar por parte dos educandos, contudo, existem limitações e obstáculos que dificultam essa ligação.

Na EPCU19 os membros da Direcção da escola e os professores concordaram em afirmar que, o que leva os estudantes a ter um bom aproveitamento escolar, é um maior envolvimento dos encarregados na vida escolar dos seus educandos, incentivo e participação nas actividades escolares, visitas regulares a escola sempre que necessário, entre outros.

Porém, os dados mostram que a comunicação entre a Direcção e os professores não passa de um pretexto perverso por parte dos professores, porque na prática os professores não tem se

saído bem na comunicação e na coordenação com os encarregados de educação na sua maioria. A língua tem se afigurado como um dos aspectos fundamentais dentre os vários que contribuem para uma fraca interação entre professores e encarregados de educação, o fraco domínio da língua portuguesa por parte dos encarregados, e changana por parte dos professores tem minado a comunicação entre ambos, dificultando assim a presença na tomada de decisões.

Segundo a UNICEF (2010), a língua de ensino em todo o país é o português, a língua oficial de Moçambique. No entanto, Moçambique tem 19 línguas locais. A maioria das comunidades fala na sua língua local, ou uma mistura de português e uma língua local, em casa. O primeiro contacto da criança com o português geralmente ocorre quando a criança começa a frequentar a escola. Isso pode afectar negativamente a aprendizagem das crianças⁹.

Isso tem criado limitações no momento da comunicação, muitos encarregados não sabem falar português, e no momento da comunicação muitos limitam-se a agentes passivos porque não conseguem contribuir de forma construtiva verbalmente.

A esse tipo de relação em que os encarregados se limitam a agentes passivos, Paulo Freire denomina de relação de extensão. Segundo Freire (1983, p. 13), extensão é invasão cultural (através do conteúdo levado, que reflecte a visão do mundo daqueles que levam, que se super-põe à daqueles que passivamente recebem). O termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, mecanismo, invasão cultural, manipulação etc.

Essa relação deficiente, tem repercussões negativas nos educandos, levando os professores a tomarem medidas que no fim prejudicam bastante o aluno, como é o caso de expulsão da sala de aulas por não fazer T.P.C, faltas frequentes que podem fazer o aluno repetir de ano por má ou falta de comunicação entre professores e encarregados de educação, que esta relacionada com o contexto de origem do educando.

A essas práticas dos professores, associa a fraca e falta de formação de professores qualificados para melhor interação nas Universidades ou nos IMAP's no que cerne ao apoio dos encarregados de educação, minuciosamente, daqueles educandos que apresentam fraco aproveitamento escolar.

⁹www.unicef.org/mz/.../Pobreza-Infantil-e-Disparidades-2010-04-Capítulo-4.pdf acessado a 10/05/2017.

Segundo UNICEF (2010), em média a escola em Moçambique tem um grande número de professores com uma fraca formação pedagógica, e instalações que precisam de ser melhoradas. A falta de fortes programas de formação de professores, tanto para a formação pré-docência como para a formação em exercício, tem perpetuado uma baixa qualidade nesses profissionais. A falta de preparação dos professores para leccionarem o novo currículo, e para prepararem os alunos para a aquisição de competências básicas de aprendizagem está a contribuir para elevados níveis de abandono escolar precoce, baixos níveis de desempenho e conclusão escolar, e exclusão dos mais vulneráveis¹⁰.

Num primeiro momento, parece prevalecer a ideia de que o desempenho e o aproveitamento escolar dos educandos, está associada a relação entre encarregados de educação e professores, mas não podemos presumir categoricamente esta análise por falta de elementos fiáveis que a comprovem. Necessitamos de dados contextuais.

Assim, com base nos pontos previamente lançados acima, formulou-se a seguinte pergunta de partida: De que forma os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos influenciam na relação entre encarregados de educação e professores na EPCU19.

¹⁰www.unicef.org/mz/.../Pobreza-Infantil-e-Disparidades-2010-04-Capitulo-4.pdf acessado a 10/05/2017.

Capítulo III

3. Quadro teórico e conceptual

3.1. Quadro teórico

O trabalho inspira-se no pensamento de Epstein (1992), sobre o entrosamento das influências de três esferas da sociedade, nomeadamente, a Família, a Escola e a Comunidade no desempenho escolar dos educandos. Este autor ajuda-nos a perceber o papel que cada esfera tem no processo educativo.

Dentre as varias esferas existentes na sociedade, o nosso trabalho baseou-se em duas, nomeadamente, a Escola e a Família. Epstein (1992), defende que o bom desempenho depende do entrosamento da Família e da Escola, e que as referidas esferas operam positivamente quando os seus objectivos, missões e responsabilidades se sobrepõem.

Para este autor, estas duas esferas devem funcionar de forma coordenada, partilhando os objectivos, as missões e as responsabilidades, de modo a garantir um bom desempenho escolar dos educandos. Por conseguinte, o mau funcionamento de uma destas duas instâncias pode exercer uma influência negativa no desempenho escolar dos educandos, *idem*.

Ele mostra no seu trabalho que existem seis tipos de categorias da relação escola-família e comunidade, cujo a comunicação e o envolvimento entre os encarregados de educação e professores vai ser importante para a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante. São elas: a) Promover a participação dos pais/mães no espaço escolar estabelecendo com eles um bom suporte; b) Melhorar a comunicação entre escola e encarregados de educação, com vista designar e organizar os programas e os progressos; c) Voluntariado – recrutar e organizar ajudas e suportes para funções da escola e das actividades; d) Divulgar informações e ideias

para as actividades de aprendizagem em casa e orientar os encarregados de educação para que estes façam uma monitorização; e) Envolvimento na tomada de decisão e gestão da escola, criando, por exemplo, as associações de pais; f) Envolver os serviços da comunidade e os recursos para fortalecer os projectos da escola e o desenvolvimento das crianças, *idem*.

Esta abordagem incide no nosso objecto de estudo, ajudando a analisar como é que os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos influenciam na relação entre encarregados de educação e professores na EPCU19.

3.2. Quadro Conceptual

Nesta pesquisa usamos três conceitos fundamentais: Encarregados de educação, educação participativa e comunicação. Esses conceitos são invocados para ajudar a perceber como é que os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos influenciam na relação entre encarregados de educação e professores na EPCU19.

3.2.1. Encarregados de educação

Encarregados de educação são pessoas que acompanham, orientam e participam na vida escolar de um menor, sendo responsável por ele e promovendo a articulação entre a educação na família e o ensino escolar.

Os encarregados de educação são responsáveis pelos deveres dos seus filhos e educandos, em especial quanto a assiduidade, pontualidade e disciplina. Assim sendo, é dever dos encarregados de educação: acompanhar activamente na vida escolar do seu educando, contribuir por todas as formas para a educação integral do seu educando, promovendo a articulação entre a família e o ensino escolar, cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos.

Não obstante, usamos este termo para englobar uma componente de pessoas que a dado momento são encarregados de educação, como pais, tio, avo, primo, amigo, entre outros.

3.2.2. Educação Participativa

Segundo Delors (2003), a educação, é uma experiência social em contacto com a qual a criança aprende a descobrir-se a si mesma, desenvolve as relações com os outros, adquire bases no campo do conhecimento e do saber fazer. Esta experiência deve iniciar antes da idade de escolaridade obrigatória, assumindo formas diferentes, conforme a situação, e nela devem estar implicadas as famílias e as comunidades de base.

Para Iturra (1991) o processo educativo é o comportamento que mais marca o quotidiano das nossas vidas e é o mais quotidiano dos processos que orienta o nosso agir, seja como ensino, seja como aprendizagem, procura sistematizar o conjunto do dia-a-dia de todos os seres humanos de diversidades que coexistem. A relação entre a educação e a cultura é, portanto, mais do que próxima apenas, isto é, ela é absolutamente íntima, interactiva e inclusiva. A educação faz parte da cultura e é com a educação que se ensina a cultura aos indivíduos de uma sociedade (Dauster, 2004).

Porém, Normalmente o conhecimento é leccionado aos estudantes para ser decorado, e a quantidade aprendida é avaliada como positiva ou não: ai, a cultura erudita¹¹, que foi essencialmente dialéctica e antidogmática, passa a ser verdade que substitui as outras. Como consequência, a mente esta preparada para aceitar a verdade que uma autoridade diz, por parecer ser quem sabe, uma mente que na formação emotiva não só aderiu a princípios, bem como estruturou o pensamento para lhe aderir, *Idem*.

A fraqueza do ensino não está no conteúdo, mas na forma como se ensina e no uso dos textos. Seria talvez necessário introduzir uma distinção na pedagogia: dar informação e logo fornecer metodologia para comparar e descobrir. O que consegue a erudição dos reputados formalmente sábios é uma universalidade de conceitos espalhados de forma igual pelas mentes desiguais dos estudantes, *Idem*.

Não obstante, um outro aspecto é a coordenação entre a escola e encarregados de educação, que é para o educando um dado importante, mas também acaba sendo um obstáculo quando não se leva a cabo uma comunicação que possa fazer compreender ambas as partes do objectivo a alcançar. Os encarregados tem participado com pouca frequência na EPCU19

¹¹A cultura erudita é resultado da experimentação e, por meio dos textos em que se guarda o saber, é entregue às gerações de crianças e jovens como uma verdade, contra a sua argumentação.

devido a vários factores, o factor cultural é o mais evidenciado pela pesquisa, enfatizando a língua e o analfabetismo que contribuem para a fraca comunicação.

O professor tem capacidades de se impor perante os encarregados, tem autoridade, é visto como detentor de conhecimento, e tem poder de transmitir e inculcar nas crianças um modelo de conhecimento específico, tudo isso construído pela ideologia escolar. A autoridade escolar é, em resumo, a forma institucionalizada da acção pedagógica e a legitimidade da autoridade escolar que dispensa a confirmação feita por qualquer outro agente (Boudeau e Passeron, 2009)

Isso é praticamente uma barreira para construção de interacção entre encarregados de educação e professores, na medida em que já há uma preposição de superioridade por parte dos professores, inibindo naturalmente a exaltação de um conhecimento diferente por parte do encarregado de educação. Firmando assim a dificuldade da existência de uma possível participação dos encarregados na escola para tomada de decisões.

Uma educação participativa, requer comunicação entre os professores e encarregados de educação, envolvimento na tomada de decisões, troca de ideias, intercâmbio, coordenação nas actividades, tanto na escola como na família como entre professor e encarregado de educação. Acrescenta Teixeira (1995, p.8), para quem “a participação é a partilha do poder de decidir”, ou seja, a mera presença física com renúncia ao exercício do poder, não deve ser considerada como uma modalidade de participação. Contudo, há que se cultivar mais a relação de comunicação entre encarregados de educação e professores para melhor participação.¹²

3.2.3. Comunicação

Segundo Chiavenato (2003), “a comunicação é a troca de informações entre pessoas. Significa tornar comum uma mensagem ou informação. Constitui um dos processos fundamentais da experiência humana e da organização social. A comunicação requer um código para formular uma mensagem e enviá-la na forma de sinal (como ondas sonoras,

¹²MACHADO, Fernanda, (2011). Participação dos pais na escola: o caso de Jardins de Infância da Misericórdia da Maria. Instituto Superior de Educação e Trabalho, Dissertação de Mestrado em Educação, Porto.

letras impressas, símbolos), por meio de um canal (ar, fios, papel) a um receptor da mensagem que a decodifica e interpreta seu significado”.

Na comunicação pessoal directa falada, ou seja, na conversação, a linguagem funciona como código e é reforçada por elementos de comunicação não verbal (como gestos, sinais, símbolos). A comunicação interpessoal também se pode dar a distância, por meio da escrita, do telefone ou da internet como meio de transmitir as mensagens, *Idem*.

A comunicação é uma actividade administrativa que tem dois propósitos principais: a primeira, Proporcionar informação e compreensão necessária para que as pessoas possam se conduzir em suas tarefas, e a segunda Proporcionar as atitudes necessárias que promovam a motivação, a cooperação e a satisfação nos cargos. Esses dois propósitos promovem um ambiente que conduz a um espírito de equipa e a um melhor desempenho das tarefas, *Idem*.

Na EPCU19, os bilhetes com recados, mensagens através do celular via língua portuguesa são os meios de comunicação, mas nem todos os encarregados de educação sabem falar português, falam línguas locais com maior fluidez e frequência no seu quotidiano, Isso tem criado limitações no momento da comunicação, muitos encarregados de educação limitam-se a agentes passivos porque não conseguem contribuir de forma construtiva verbalmente.

A esse tipo de relação em que os encarregados se limitam a agentes passivos, Paulo Freire denomina de relação de extensão. Segundo Freire (1983, p. 13), extensão é invasão cultural (através do conteúdo levado, que reflecte a visão do mundo daqueles que levam, que se super-põe à daqueles que passivamente recebem). O termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, mecanismo, invasão cultural, manipulação entre outros

A comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. Esta função, por sua vez, não é a extensão do conteúdo simificante do significado, objecto do pensar e do conhecer. Comunicar é comunicar-se em torno do significado simificante. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados são objecto de seu pensar se comunicam. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo, *idem*.

A comunicação, é importante na relação entre as pessoas e na explicação aos participantes das razões das orientações tomadas.

Capítulo IV

4. Metodologia

4.1. Procedimentos metodológicos

Segundo Richardson (1942), em sentido genérico, método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenómenos. O presente estudo é do tipo qualitativo e de carácter exploratório, os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interacção de grupos sociais, contribuir no processo de mudança de um determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Segundo Gil (1999), pesquisas de carácter exploratório tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Uso o método etnográfico, ele permite o contacto directo com os actores sociais inseridos no seu contexto de actuação. Tal como afirma (Geertz 1989), este método possibilita estabelecer relações, seleccionar informações, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos e manter um diário.

4.2. Técnica de recolha de dados

A técnica de recolha de dados tem como objectivo recolher dados que respondem aos objectivos do trabalho, as perguntas de pesquisa minuciosamente. Usamos as entrevistas semi-estruturadas e a observação directa.

4.3. Fases da pesquisa

O primeiro momento diz respeito a pesquisa documental e bibliográfica, em bibliotecas respectivamente a do ISAP e a biblioteca central Brasão Mazula na U.E.M, não obstante, a pesquisa também consultou documentos da internet e obras que abordam sobre o desempenho

escolar dos alunos, interacção entre família e escola, a qualidade da educação a nível nacional e internacional.

As explicações sobre o papel dos pais no desempenho escolar dos filhos foram obtidas através de entrevistas semi-estruturadas e observação directa. Numa segunda fase, as entrevistas semi-estruturadas foram realizadas na Escola Primária Completa Unidade 19 no bairro do aeroporto, entre Março de 2016 e Fevereiro de 2017.

As entrevistas semi-estruturadas são compostas por um guião pré-definido de questões que permite a colocação de outras questões que não estão necessariamente previstas no respectivo guião, em outras palavras, não existe rigidez do roteiro, pode-se explorar mais amplamente algumas questões (Silva e Menezes, 2001).

A observação directa foi feita na escola e na comunidade. Na escola me fiz presente em reuniões, em algumas aulas e em alguns encontros entre os pais encarregados e os professores, sendo assim, no bairro do aeroporto tive a oportunidade de conversar com alguns pais e encarregados para perceber como os mesmos geriam o comportamento dos seus educandos em casa, e que possíveis mecanismos usavam para controlar a dinâmica de convivência dos alunos fora de casa, considerando que existe o percurso de casa para escola que alguns pais assumem tarefa difícil de controlar.

Segundo Quivy e Campenhout (2003), a observação directa utiliza todos sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, sendo que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações no local onde pretende estudar. Afirma Florence Kluckhohn (1946, p. 103-18) citado por Gil (1999), que a técnica facilita o rápido acesso a dados sobre a situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos, possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado, possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.

Essas acções foram muito importantes para analisar a forma como os professores ensinam os seus alunos, a interacção entre professor e encarregado de educação e a influenciam no da interacção no aproveitamento escolar dos educandos.

4.4. Local de estudo

A Escola Primária Completa Unidade 19 foi fundada em 1972, é do tipo convencional, localiza-se no Bairro do aeroporto “A” no Distrito Municipal Ka-Nlhamankulo, na Cidade de Maputo. O bairro é limitado a norte pela Av. Gago Coutinho, a sul pela Av. de Angola, a Este pela Av. Joaquim Chissano e a Oeste pela Av. Gago Coutinho.

Segundo o secretário do bairro, o bairro do aeroporto tem uma densidade populacional numa média de 24401 habitantes que distribuem-se numa área de $25845.65m^{132}$. Desde os primórdios da construção da escola, ela lesionava de 1^a a 4^a classe, e actualmente ela estendeu-se ate ao segundo ciclo, deixando de ser apenas Primária para Primária completa.

A escola Primária completa unidade 19 lesiona de 1^a a 7^a classe, contem 36 turmas e 12 salas de aulas, lesiona em 3 turnos que terminam as 17horas. A escola possui 49 funcionários no geral, onde 40 são efectivos, 6 são contratados, 5 são efectivos não docentes, 5 são funcionários desligados e 3 são funcionários pagos pelos fundos próprios.

Visto que a pesquisa pretendia analisar a influência da relação entre professores e encarregados de educação no aproveitamento escolar dos seus educandos na EPCU19, a unidade de análise foi o educando de um lado (individuo), e do outro, encarregados de educação, professores e membros da direcção da escola.

4.5. Constrangimentos

A observação directa e a pesquisa etnográfica são técnicas que permitem recolher dados preconizados num trabalho, e este não fugiu a regra. Porém, tivemos alguns obstáculos na fase da recolha de dados.

O primeiro obstáculo com que me deparei no campo, foi a desconfiança na secretaria, e antes mesmo de eu me apresentar e mostrar o documento comprovativo, mandaram chamar o director pedagógico. O director pedagógico chegou perplexo perguntando o que se passava, naquele momento o ambiente ficou incómodo, mas logo depois mostrei a credencial e ficamos todos calmos.

¹³Paulo Cumongue chefe do quarteirão 36 no bairro do aeroporto “A” em Maputo

Salientar que mesmo depois de mostrar a credencial, o director pedagógico não me passou as informações que eu desejava naquele dia, alegando que tinha muito trabalho por fazer e que a Directora não estava presente, sendo assim, tinha que regressar num outro dia, e assim o fiz.

O outro constrangimento, foi com alguns professores. Quando eu me dirigia as salas de aulas, os professores achavam que eu era um espião que ia analisar o trabalho deles nas reuniões, dentro das salas, e alguns em particular me perguntavam se eu não era um elemento secreto do ministério, e eu procurava lhes tranquilizar afirmando que era estudante da U.E.M, e estava a fazer trabalho de pesquisa.

Um outro constrangimento diz respeito a comunidade, na nossa interacção com os encarregados de educação, alguns encarregados de educação alegavam falta de tempo para entrevistas. Apesar destes obstáculos todos, procurei me desdobrar destes desconfortos explicando do que realmente se tratava. Sempre procurando ser claro e humilde, tentei fazer perceber aos participantes da pesquisa que se tratava de um trabalho de carácter académico sem objectivo de prejudicar.

Capítulo V

5. Apresentação e discussão dos resultados.

Este capítulo baseia-se na análise e interpretação dos resultados obtidos no campo através de entrevistas dirigidas aos encarregados de educação, os membros da direcção e professores. Para a realização da pesquisa, escolhemos a 5ª classe para fazer o estudo, por ser uma classe de transição do EP1 para o EP2. É de salientar que a recolha dos dados foi feita com base nas entrevistas com encarregados e professores, análise de documentos, tais como; as pautas do final de ano e trimestrais, faltas disciplinares, em relação aos encarregados, analisei a presença nas reuniões e nos dias normais. Esses documentos permitiram analisar a relação entre professores e encarregados de educação na EPCU-19.

5.1. Perfil do grupo alvo (informantes)

Participaram nesta pesquisa, o Director Pedagógico, a Directora da escola, os professores e os encarregados de educação (todos da EPCU-19) e o chefe do quarteirão 36 no bairro do aeroporto “A”.

Salientar que, foram entrevistados, a Directora, Director Pedagógico e os encarregados de educação da EPCU-19. No total foram 15 entrevistados, (02) Directores, um Pedagógico e um geral, dois (04) professores, nove (09) encarregados de educação.

Enfatizar que nesta pesquisa, usamos nomes fictícios por razões éticas e de confidencialidade, de modo que os participantes desta pesquisa não sofram qualquer represaria. Os entrevistados neste trabalho são caracterizados de acordo com a idade, sexo emprego ou ocupação como ilustra o quadro a baixo.

N°	Nome	Sexo	Idade	Ocupação/Emprego
1	Carla	F	32	Professora EPCU-19
2	Celso	M	34	Professor EPCU-19
3	Laila	F	30	Comerciante
4	Vania	F	27	Domestica
5	Dario	M	30	Comerciante
6	Dilman	M	40	DP da EPCU-19
7	Maria	F	67	Reformada
8	Zena	F	64	Reformada LAM
9	Amina	F	-	Comerciante
10	Manuel	M	-	Trabalhador do Porto de Maputo
11	Catarina	F	33	Técnica de Saúde
12	Pedro	M	29	Professor na UPCU-19
13	Lurdes	M	46	Professora na UPCU-19
14	Zaida	F	36	Domestica
15	Anifa	F	49	Directora da EPCU-19

5.2. Nuances inerentes a educação participativa entre professores, encarregados de educação e educandos da EPCU19

É sabido que o processo educativo é fortemente influenciado pela evolução da sociedade. No decorrer dessa evolução, muitos conceitos e objectivos são construídos e reconstruídos, assim como variam também os valores, pois, de acordo com os objectivos a serem atingidos, exige-se uma escalada de valores para concretizar o conceito estabelecido.

Uma educação participativa, requer comunicação entre os professores e encarregados de educação, envolvimento na tomada de decisões, troca de ideias, intercâmbio, coordenação nas actividades, tanto na escola como na família como entre professor e encarregado de educação.

Assim, ao se tratar o conceito de educação participativa, por exemplo, os objectivos e os valores têm de estar relacionados com a essência desse conceito; com efeito, para se efectivar

essa concepção de educação, faz-se necessário que a prática educativa seja orientada por valores éticos e democráticos, e dentre outros objectivos, busca incentivar os educandos a uma leitura crítica do mundo, propiciando, assim, sua participação activa na construção dessa realidade.

Em outras palavras, a educação não deve centrar-se num currículo fechado, alheio ao quotidiano, deve ser um sistema aberto, para permitir que os indivíduos expressem seus anseios e habilidades da melhor forma possível, aceite o outro e busque juntamente a escola, aluno e encarregados de educação para construção de uma realidade mais favorável ao desenvolvimento integral do indivíduo e da comunidade.

Nesse sentido, é preciso o desenvolvimento de uma pedagogia de diálogo e de compreensão que se comunique com os encarregados de educação, e que respeite a diversidade cultural e de ideias. Maria da Conceição questionada se participava no processo académico do seu educando, falando a língua *changana*, teceu a seguinte informação;

Eu aconselho a minha neta para estudar, eu não estudei, as vezes quero lhe ajudar nos T.P.Cs mas não posso porque não sei. Quanto a minha relação com o professor, não é boa porque não sei falar português, me compliquei muito com ele da última vez que fui para escola, e não percebi quase nada. 12/03/2016

A escola deve conhecer o contexto social onde esta inserida, isso implica a língua, os valores e a situação económica dos seus educandos e respectivos encarregados de educação para melhor lhe dar com as diversidades. Isso, implica que os professores devem estar capacitados para responder a demanda desses problemas que lhes são submetidos pelos encarregados.

Um outro aspecto que caracteriza a situação da educação, é a baixa moral que se verifica nos professores devido aos salários e as condições de trabalho. Os professores estão desmoralizados, sentem-se humilhados e abandonados pelo MINED, julgam a não valorização do seu trabalho. E essa situação prejudica a interacção entre ambos, e participação dos encarregados de educação na escola, mas é também compartilhada pelos encarregados da EPCU19. Como afirma a Catarina;

Eu peço a professora para apertar a minha filha, ser mais exigente com ela, mas a professora não se importa, a professora não da T.P.C. A minha filha é indisciplinada porque passa mais

tempo com o pai no outro lar, por isso se comporta mal, lá ela não é dada a devida atenção. Mas também, temos que concordar que os professores não recebem nada, acho que isso desmoraliza o empenho deles. 10/04/2016

O professor Pedro na mesma linha de ideias afirmou o seguinte;

É lamentável ouvir em vários meios de comunicação que a educação é um dos pilares fundamentais para desenvolvimento de Moçambique, e ao analisarmos, percebermos que os mesmos responsáveis pela educação não atacam os problemas bases para que esta educação seja louvável. 10/04/2016

A Amina informa não ter dificuldades em participar no processo educacional do seu educando, mas entende a dificuldade da maioria.

É notável a dificuldade da maior parte dos encarregados de educação em participar activamente na educação dos seus filhos na escola devido ao português, muitos encarregados de educação não sabem falar português. Nas reuniões, muitos querem expressar o seu descontentamento com as notas dos seus filhos, transmitir as causas, mas alguns tem vergonha de não saber falar português e de pedir ajuda ao encarregado capacitado. Eu falo português e dialogo sempre que possível com o professor. 10/04/2016

É importante referir que nem todos os encarregados são vítimas da escola, em algum momento os encarregados dificultam a comunicação e participação entre encarregados de educação e professores, Manuel encarregado de educação, teceu a informação seguinte:

Eu matriculei meu filho, não vivo com a mãe dele mas cuido bem dele, apenas não tenho muito tempo para frequentar a escola dele, também, eu não estudei para ensinar coisas da escola ao meu filho, eu estudei para trabalhar e lhe por a estudar.07/03/2016

Os encarregados tem participado com pouca frequência na EPCU19 devido a vários factores, os factores culturais e económicos são mais evidenciados pela pesquisa, enfatizando a questão dos salários dos professores, a língua e o analfabetismo que contribuem para a fraca comunicação e participação no processo educativo dos educandos.

Por sua vez, afirma Piaget (1990), que se houver uma comunicação constante e um diálogo fluente entre a Escola e a Comunidade, onde a Escola informa a Comunidade sobre o desempenho de seus educandos e por sua vez, a Comunidade informa a Escola sobre as

características e as condições dos alunos, a Comunidade escolar facilmente agirá sobre os alunos e vice-versa. Por isso urge a necessidade de um contacto permanente entre ambas as partes.

5.3. Limitações e obstáculos comunicacionais entre encarregados de educação e professores na EPCU19.

A literatura mostra a necessidade de haver relação e comunicação entre a família e escola para um bom aproveitamento escolar dos educandos, melhoramento da qualidade e redução do nível de desistência escolar, contudo, existem limitações e obstáculos que dificultam essa ligação.

Na EPCU19 os membros da Direcção da escola e os professores são unânimes em afirmar que, o que leva os estudantes a ter um bom aproveitamento escolar, é um maior envolvimento dos encarregados na vida escolar dos seus educandos, incentivo e participação nas actividades escolares, visitas regulares a escola sempre que necessário entre outros.

Porém, existem limitações e obstáculos que em última estância não permitem que haja uma comunicação entre encarregados de educação e professores. Se afiguram como causas, os factores de âmbito económico, cultural, entre outros.

Um dos obstáculos que limita a comunicação entre encarregados e professores, é a língua, o conhecimento limitado da língua portuguesa (oficial nas escolas em Moçambique), põe os encarregados numa situação de receptores passivos de informações incompreensíveis devido ao tipo de língua usada na transmissão, atendendo e considerando que muitos pais usam línguas locais para se comunicar frequentemente. Como nos informa a Vania:

Eu tenho alguns problemas em falar e entender português, vivi muito tempo na África do Sul e falo melhor *ronga*, por insistência de amigas e de tantas negativas do meu filho, fui por duas vezes a escola para falar com o professor, mas não consegui perceber a maior parte da conversa com ele, apenas entendi que tinha que ajudar a melhorar as notas do meu filho. 10/03/16

O professor Pedro explica como enfrenta a situação:

A língua é um problema serio na comunicação com os encarregados, das poucas vezes que recebi alguns encarregados, só foram quatro, e dos quatro, dois não sabiam falar português e eram pessoas de idade, avos dos educandos. Quando eu informava algo, os encarregados se

limitavam em responder sim, sim, sim, mesmo quando se tratava de algo negativo, e no fim nos despedíamos. 20/03/2016

Professora Lurdes acrescenta:

Eu não sei falar *ronga*, mas entendo algumas coisas, e mesmo assim, se o encarregado não sabe falar português ou entende pouco, como vamos interagir? Eu acho isso complicado. 20/03/2016

O professor Celso enaltece a ideia da professora Lurdes e mostra o seu método de resolução no âmbito das dificuldades que encontra na comunicação com encarregados.

Muitos pais encarregados não sabem falar português, e nem todos professores compreendem *changana*, há falta de compatibilidade linguística, eu as vezes mando-os de volta a casa e faço o meu trabalho, não sei falar bem *ronga*, não sou daqui. Os pais também não ajudam, os que vem a escola são mais complicados que os filhos. 10/03/16

Um outro obstáculo, é a questão do incentivo e conseqüente baixa moral por parte dos professores, como afirma a UNICEF (2010), os salários dos professores são muitas vezes pagos com meses de atraso, especialmente os dos professores recém-contratados, o que leva a abandonar os seus postos ou a privilegiar actividades não docentes. A professora Carla argumenta:

Sou uma das professoras que dá aulas porque amo a minha profissão, mas esta área paga pouco, e trabalhar com crianças não é tarefa fácil, principalmente quando há situações de indisciplina, há que repensar numa forma de reorganizar a criança, e muitas vezes esses comportamentos desviantes tem origem em casa ou na rua. Não é fácil. 12/03/2016

Professor Celso acrescenta:

Olha rapaz, não é fácil ser professor, em algum momento somos educadores dos alunos e dos encarregados, a nossa relação não é boa com os encarregados porque não cumprem com as nossas chamadas de atenção em relação aos alunos, e pouco se interessam sobre o desempenho dos mesmos. O ministério paga-nos mal e ainda pedem para redobramos os esforços? Também não é assim, que paguem bem, as coisas podem mudar. 12/03/2016

Há necessidade do estado reunir esforços para colmatar a questão dos salários desincentivadores, porque isso afecta a moral do professor, e isso recai sobre os educandos e encarregados de educação.

Não obstante, uma outra limitação é a rotina diária que vislumbra a falta de tempo para a comparência de muitos encarregados de educação na escola Primária Completa Unidade 19. A rotina diária não lhes possibilita com que acompanhem as vivencias dos seus educandos em casa e na escola, muitos encarregados alegam sair de manhã e voltar de noite.

Com tudo, não basta apenas transmitir informação, há necessidade de interagir com os encarregados de educação, compreender no mínimo um pouco das línguas faladas na região onde a escola esta inserida para melhor comunicação, como acrescenta Freire (1983, p. 69), a educação é comunicação, é diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

A EPCU19 em coordenação com alguns encarregados de educação, implementaram o sistema dos “pais de turma” ao pedido dos encarregados de educação para auxiliar na comunicação e coordenação entre as famílias e a escola para o bom aproveitamento escolar dos educandos. Os pais de turma tem sido de sexo oposto, um homem e uma mulher, ambos encarregados, podem ser escolhidos por meio de votos ou voluntariamente, não recebem nenhum valor monetário estipulado mensalmente, mas tem um valor de 50mt que recebem semanalmente da escola para comunicação via celular ou transporte. Não obstante, é necessário no mínimo saber falar a língua portuguesa e a língua local *ronga*.

Os “pais de turma” são responsáveis por informar aos encarregados sobre possíveis comparências na escola para resolver assuntos dos seus educandos, assuntos como indisciplina, baixas notas, mau desempenho, faltas, entre outros. Porém, os professores já mostram pouca disponibilidade para se comunicarem directamente com os encarregados, deixando essa tarefa somente para os “pais de turma”.

5.4. Elementos comunicacionais e linguísticos entre os encarregados de educação e professores da EPCU19

Na Escola EPCU19, a língua de ensino é o português, que é a língua oficial de Moçambique, no entanto, como afirma a UNICEF (2010), Moçambique tem 19 línguas locais, e a maioria da comunidade fala na sua língua local ou mistura de português e uma língua local em casa¹⁴.

A maior parte dos habitantes do bairro do aeroporto onde esta situada a escola, falam a língua *ronga* nas suas experiências e práticas no quotidiano, e poucos falam português. A maior parte dos encarregados de educação da EPCU19, são mulheres idosas com uma baixa instrução académica (a maioria não sabe ler e escrever), o português falado muitas vezes é misturado com a língua local *ronga*.

Sendo assim, o português é a língua falada na escola, o português, o *ronga* com maior fluidez entre outras línguas, são as línguas de comunicação faladas em casa e no bairro. No entanto, as diversidades linguísticas tem se afigurado como obstáculo na comunicação entre encarregados de educação e professores na EPCU19 devido a falta de competência linguística de ambas partes, quer do lado dos professores como dos encarregados de educação.

Uma outra via de comunicação usada pelos professores tem sido o bilhete ou via telefone celular quando as crianças têm algum problema. Este mecanismo, envio de bilhetes com mensagens por parte dos professores, para a sua aproximação aos encarregados de educação seria pouco incentivador, porque muitos encarregados não sabem ler nem escrever, muito menos falar português, claramente não iam ler os bilhetes. Esta situação revela-nos o paradoxo vivenciado pelos encarregados de educação e os professores. Laila encarregada de educação, teceu a seguinte informação:

Eu sou comerciante, meu marido trabalhava na África do sul, faleceu a dois anos e me deixou com duas crianças, actualmente, faço compras na África do sul para vender em Moçambique, não sei falar bem português, falo melhor a língua da África do sul e *ronga*. Os meus filhos as vezes trazem bilhetes escritos pelos professores para eu ler, mas infelizmente tenho serias dificuldades em ler e principalmente quando é caligrafia de professor, o pior é que os meus filhos não aprendem a ler e já estão na quinta classe. É complicado. 02/09/2016

¹⁴ www.unicef.org/mz/.../Pobreza-Infantil-e-Disparidades-2010-04-Capitulo-4.pdf acessado a 16/06/2017.

Segundo a UNICEF (2010), Com a reforma do ensino, foi incorporado ao novo currículo o ensino bilingue, estando a ser actualmente aplicadas em regime experimental, num pequeno número de escolas, duas abordagens alternativas a levar em conta¹⁵.

Na primeira, o Português é a língua principal de ensino, e o idioma local é usado como recurso adicional de ensino e aprendizagem; no segundo, a língua local é usada como língua de ensino até à segunda classe, enquanto o português é estudado como uma disciplina formal independente. Esta iniciativa ainda se encontra numa fase piloto e está a ser implementada em apenas algumas escolas em todo o país. Há indicações de que, embora extremamente limitada, a iniciativa começa a apresentar resultados positivos, pelo que o Ministério pretende expandi-la gradualmente ao resto do país. A produção de material escola para acomodar todas as línguas locais constitui um desafio, *idem*.

A EPCU19 em coordenação com alguns encarregados de educação, implementaram o sistema dos “pais de turma” ao pedido dos encarregados de educação para auxiliar na comunicação e coordenação entre as famílias e a escola para o bom aproveitamento escolar dos educandos. Os pais de turma tem sido de sexo oposto, um homem e uma mulher, ambos encarregados, podem ser escolhidos por meio de votos ou voluntariamente, não recebem nenhum valor monetário estipulado mensalmente, mas tem um valor de 50mt que recebem semanalmente da escola para comunicação via celular ou transporte. Não obstante, é necessário no mínimo saber falar a língua portuguesa e a língua local *ronga*.

“Os pais de turma” são responsáveis por informar aos encarregados sobre possíveis comparências na escola para resolver assuntos dos seus educandos, assuntos como indisciplina, baixas notas, mau desempenho, faltas, entre outros.

Este programa, tem criado melhorias no aproveitamento escolar dos educandos, mas ainda existem lacunas. Os encarregados e professores já não se interessam em criar mecanismos para uma comunicação directa entre ambos, deixando tudo ao serviço dos pais de turma, alguns encarregados mostram-se acomodados com essa situação e outros não. Como afirma a informante Zena, questionada sobre a sua comunicação com o professor do seu neto:

¹⁵ www.unicef.org/mz/.../Pobreza-Infantil-e-Disparidades-2010-04-Capitulo-4.pdf acessado a 7/04/2017.

Eu quero saber como o meu neto tem se comportado, mas tenho receio em chegar a escola, prefiro falar com o pai da turma, com ele me sinto mais a vontade, falo a minha língua local e falo das minhas dificuldades.02/09/2016

Dário acrescenta contrariando:

Os “pais da turma” são uma estratégia acertada pelos encarregados de educação e a escola, mas não podemos nos limitar a eles, temos que participar nas reuniões que a escola elabora, falar directamente com o professor e com os demais responsáveis pela educação dos nossos filhos dentro da escola.02/09/2016

O Director pedagógico Dilman, afirma haver concordância nas reuniões entre encarregados e professores sobre ideias elaboradas por ambos para o melhoramento na interacção entre encarregados e professores, no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, mas na prática ainda existem lacunas:

A relação com alguns encarregados através dos “pais da turma”, tem minimizado alguns problemas, os professores tem coordenado com os encarregados nas reuniões, e temos conseguido compreender alguns alunos com dificuldades no aprendizado. Mas não é suficiente, o nosso maior desafio actualmente é tentar arranjar um mecanismo para receber mais encarregados do que já recebemos durante um mês, que em média são 6 a 7, e os educandos desses encarregados tem tido bom aproveitamento e bom comportamento, os restantes são mediados pelos “pais da turma”.2/09/2016

Zaida Mãe de turma acrescenta:

Eu gosto de fazer este trabalho porque não tenho emprego, me sinto como se eu fosse uma professora, mas as vezes é trabalhoso, nem todos encarregados estão disponíveis para falar sobre eventuais problemas que assolam os seus educandos. Mas a melhor parte deste trabalho, é que através das interacções que temos com os encarregados, ouvimos histórias de vida e ganhamos experiencias. Isso é muito bom. 7/09/2016

Um outro aspecto que deu para verificar durante a observação, que esta associada a questão da competência linguística, salários dos professores entre outros, foi a diferença socioeconómica dos encarregados.

A educação é uma das escolhas que as famílias devem fazer em relação a outras prioridades que afectam as suas vidas e meios de subsistência. A pobreza das famílias muitas vezes

requer que as crianças ajudem nas tarefas domésticas ou que trabalhem para ganhar dinheiro para sustentar a família ou para comprar material escolar. Dados do MICS 2008 mostram que 22 por cento das crianças de 5-14 anos estão envolvidas no trabalho infantil, mas que a maior parte delas (78 por cento) andam na escola¹⁶. A Directora Anifa apelou aos pais:

Não é fácil trabalhar quando não há diálogo, é necessária a cooperação entre escola e família, alguns pais acham que a escola é um lugar para matricular as crianças e o resto é com os professores, acho que não deveria ser assim. Os “pais de turma” foram criados para ajudar os encarregados mais necessitados e com mais dificuldades de interagir, muitos pais não tem condições para arcar com as necessidades materiais dos seus educandos devido a falta de condições financeiras. Entendemos esses problemas, mas temos que criar esforços cooperando, quem sabe, podemos criar mecanismos para nos ajudarmos nesse aspecto. 10/04/2017

Muitos encarregados de baixa renda estavam mais preocupados com o resultado final do investimento que fazem nos seus educandos do que com o percurso académico do mesmo. Dai que muitos deles não se preocupavam com uma possível comunicação com o professor

Os encarregados de educação de classe baixa, mostraram-se mais relutantes em contacto com a escola, intervinham menos, estavam menos familiarizados com o currículo escolar e mostravam menos à vontade durante as conversas com os professores, eram mais formais, mais curtos e mais sérios. Pelo contrário, os encarregados das classes médias acompanhavam, apoiavam o desenvolvimento curricular e tinham mais conversas centradas em assuntos académicos com os professores. O exercício da acção pedagógica e da autoridade pedagógica é mais eficaz sobre a classe que está mais ajustada ao modelo cultural inculcado.

A função primordial do professor assenta na promoção de uma boa comunicação entre todos os agentes educativos, famílias e alunos, esta na forma como promove os afectos entre todos. Como salienta Freire (1983, p. 70), que a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transmissão do conhecimento de um sujeito ao outro, mas em sua comparticipação no acto de compreender a significação do significado, esta é uma comunicação que se faz criticamente.

¹⁶www.unicef.org/mz/.../Pobreza-Infantil-e-Disparidades-2010-04-Capitulo-4.pdf acessado a 10/05/2017.

5.5. Paradoxos, comunicação e educação no contexto deste estudo.

Analisando os dados desta pesquisa e a literatura a que tivemos acesso, podemos observar que muitos autores tem evidenciado os benefícios de um trabalho de parceria entre encarregados de educação e professores, no entanto, esta consciência nem sempre se traduz por uma aproximação efectiva da família a escola. Este estudo demonstra que a comunicação, coordenação e participação é minada por um conjunto de factores desde os económicos, sociais e culturais, e no caso vertente, comunicacionais e linguísticos.

Feito o trabalho de campo, os dados recolhidos na EPCU19 e nos encarregados de educação, revelam a falta de diálogo entre encarregados e professores, relação de extensão, falta de envolvimento e participação dos encarregados de educação nas actividades escolares dos seus educandos e a falta de coordenação e comunicação entre encarregados e professores. Estes aspectos, são frequentes e determinantes na EPCU19.

Os dados mostram que a concordância entre a Direcção e os professores não passa de um pretexto por parte dos professores, porque na prática os professores não tem se saído bem na comunicação com os encarregados de educação na sua maioria.

Os baixos salários dos professores, o nível social e económico do encarregado, o fraco domínio da língua portuguesa por parte dos encarregados e *ronga* por parte dos professores, se afiguram como obstáculos que limitam a comunicação entre encarregados e professores, o conhecimento limitado por parte dos encarregados de educação da língua portuguesa (oficial nas escolas em Moçambique), põe os encarregados numa situação de receptores passivos de informações devido ao tipo de língua usada na transmissão de informação, atendendo e considerando que muitos encarregados de educação usam línguas locais para se comunicar frequentemente no seu quotidiano.

A questão da falta de incentivo, disponibilidade e conseqüente baixa moral por parte dos professores, como afirma a UNICEF (2010), esta relacionada com os salários dos professores que são muitas vezes pagos com meses de atraso, especialmente os dos professores recém-contratados, o que leva a abandonar os seus postos ou a privilegiar actividades não docentes.

O trabalho permite compreender também, que os encarregados de baixa renda mostraram-se mais relutantes em contacto com a escola, intervinham menos, estavam menos familiarizados com o currículo escolar e mostravam menos à vontade durante as conversas com os

professores, eram mais formais, mais curtos e mais sérios. Pelo contrário, os encarregados das classes médias acompanhavam, apoiavam o desenvolvimento curricular e tinham mais conversas centradas em assuntos académicos com os professores.

Isso tem criado problemas não só aos encarregados de educação e professores, mas também aos educandos, levando os professores a tomarem medidas que no fim prejudicam bastante os alunos, como é o caso de expulsão da sala de aulas por não fazer T.P.C, faltas frequentes que podem fazer o aluno repetir de ano por má ou falta de comunicação entre professores e encarregados de educação, cujo a causa esta relacionada com o contexto de origem do educando.

O trabalho demonstra que há necessidade de se criarem associações ou programas que sirvam para ligar os encarregados de educação e os professores, esses programas ou associações podem ser a resposta possível e desejada para o envolvimento da sociedade nos aspectos educativos dos seus educandos. Em relação aos professores, muitos encarregados de educação e professores são unânimes ao afirmarem que o salário dos professores não corresponde ao seu trabalho, sendo assim, há necessidade de melhorar o salário dos professores, as condições de trabalho, fortificar os programas de pré-docência nos institutos e universidades com vista a implementação de técnicas para ligação e comunicação entre encarregados de educação e professores (UNICEF, 2010).

A administração da escola em consonância com os professores e os encarregados de educação construíram o programa “pais de turma” com vista a diminuir a falta de comparência dos encarregados para resolverem assuntos concernentes ao desempenho escolar dos educandos e criar melhores formas de coordenação entre ambos, o programa esta a melhorar alguns problemas, mas em contrapartida, alguns professores começam a mostrar pouca disponibilidade em resolver problemas dos educandos, alguns professores, nos pátios da escola falavam a língua *ronga*, mas ao receberem os encarregados de educação falavam português mesmo presenciando as dificuldades. Passando assim os pais de turma resolvendo a maior parte das situações anómalas dos educandos.

A integração da informação de diferentes informadores permite a identificação dos educandos que necessitam de mais apoio quer a nível académico quer a nível emocional. O conhecimento por parte da escola e do professor destes contextos relacionais sugere maior proximidade entre encarregados de educação e professores. Em relação a língua, com a

incorporação do ensino bilingue no currículo, há necessidade de se empreenderem esforços para ultrapassar as barreiras que dificultam a incorporação do ensino bilingue para todo país, porque constitui uma mais-valia para a educação em Moçambique.

O estudo mostra que há necessidade de promover uma relação entre encarregados de educação e professores que incentiva a comunicação e não a extensão como diria (Freire, 1983), uma comunicação que implica uma reciprocidade, um dialogo entre sujeitos interlocutores que se expressão através de um mesmo sistema de signos linguísticos, uma comunicação que não esta isenta dos condicionamentos socioculturais. Esse tipo de relação seria determinante para o entendimento entre encarregados de educação e professores, e contribuiria para um bom desempenho escolar dos educandos.

O estudo demonstra que é crucial uma relação de comunicação entre encarregados de educação e professores, para o alcance do entendimento e satisfação das necessidades de ambos na escola. Sendo assim, chegou-se a conclusão que a comunicação entre os encarregados de educação e professores no processo educacional é determinante para a superação ou minimização dos paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre ambos.

Considerações finais

O presente trabalho procurou analisar como é que os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos influenciam na relação entre encarregados de educação e professores na Escola Primária Completa Unidade 19. Desta forma, procurou especificamente descrever as nuances inerentes a educação participativa entre professores, encarregados de educação e educandos da EPCU19, identificar os elementos comunicacionais e linguísticos entre encarregados de educação e professores da EPCU19, e por último identificar as limitações e obstáculos comunicacionais entre encarregados de educação e professores da EPCU19.

Para análise do nosso trabalho, optou-se por tratar a luz da teoria de Epstein (1992), sobre o entrosamento das influências, teoria segundo a qual, o bom desempenho do educando depende do entrosamento da Família e da Escola, e que as referidas instituições operam positivamente quando os seus objectivos, missões e responsabilidades se sobrepõem.

O estudo foi realizado na Escola Primária Completa Unidade 19 e no Bairro do Aeroporto, Bairro onde situa-se esta Escola. O estudo mostrou que os paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre encarregados de educação e professores na Escola Primária Completa Unidade 19, são decorrentes: da fraca formação dos professores, do fraco domínio das línguas locais pelos professores e dos baixos salários recebidos por estes, aliados ao fraco domínio da língua portuguesa e o alto índice de analfabetismo por parte dos encarregados de educação.

O estudo demonstra que é crucial uma relação de comunicação entre encarregados de educação e professores, para o alcance do entendimento e satisfação das necessidades de ambos na escola. Sendo assim, chegou-se a conclusão que a comunicação entre os encarregados de educação e professores no processo educacional é determinante para a superação ou minimização dos paradoxos, problemas comunicacionais e linguísticos entre ambos.

Referências bibliográficas

- Benavente, Ana (1990). *Escola, Professores e Processos de Mudança*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Castiano, José P, (2005). *Educar Para Quê?: As Transformações no Sistema de Educação em Moçambique*, Maputo: Livraria Universitária.
- Caracóis, E. (2001). *Família, Escola e Sociedade: Qual o seu papel na Aprendizagem?* Almada: Documento Policopiado.
- Cardoso, L. (2003). *Cooperação família-escola troca de saberes*. Escola Superior de Educação de Castelo Branco: retirado de <http://www.eselx.ipl.pt/> acessado no dia 05/01/2016
- Chiavenato, Idalberto. (2003). *Introdução à Teoria Geral de Administração*. (Edição Elsevier), 7ª Edição, Rio de Janeiro: Campus
- Coelho, Flavia. (2011). *Antropologia e Educação: uma abordagem do pensamento de Tania Dauster*. Pelotas: Editora UFP, pp. 1-9.
- Cogo, D. (2002). *Educação para a comunicação e multiculturalismo: das possibilidades do diálogo intercultural*. Unisinos, São Leopoldo, Brasil: retirado de <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/036.pdf> acessado no dia 05/08/2016
- Cardoso, A. (2004). *Os encarregados de educação e as suas percepções de participação na vida escolar – Assembleias de Escola e Conselhos Pedagógicos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Dauster, Tania. (2004). *Entre a Antropologia e a Educação: a produção de um diálogo imprescindível e de um conhecimento híbrido*. Rio de Janeiro: UFRJ, pp. 1-11.
- Delors, Jacques. (2003). “Os Quatros Pilares da Educação” In. *Educação Um Tesouro a Descobrir*. 2ª Edição. Brasília: Cortez.

Diogo, A. M. (1998), *Famílias Escolaridade, representações parentais da escolaridade, Classe social e dinâmica familiar*. Lisboa: Edições Colibri.

Dos Santos, Monica (1999), *A inclusão e as relações entre família e escola*, 40-43pp.

Epstein, J. L. (1992). *School/family/community Partnerships: Caring for the children we share*. Phi Delta Kappan. AERA

“Exame nacional 2015 da Educação para Todos: Moçambique”. Para mais informações contactar: efa2015reviews@unesco.org acessado no dia 05/01/2017

Geertz, Clifford. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora SA.

GIL, António Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5ª Edição. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

Iturra, Raul. (1991). “*O processo educativo: ensino ou aprendizagem?*”. In: *Educação Sociedade e Cultura*, n 1, Lisboa, Pp 29-49.

MINED (1995), *Política nacional de educação e estratégias de implementação*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique

Nguenha, Severino Elias, (2000). *Estatuto e Axiologia da Educação em Moçambique: o Paradigmático Questionamento da Missão Suíça*. Maputo: Livraria Universitária.

Monteiro, Eduardo. - *Família-Escola: Que Relação?* [INSIGHTPsicologia](#) acessado no dia 03/01/2015

Pinto, M. (2006). *A relação escola-família: estudo num agrupamento vertical de escolas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro.

Bourdieu, Pierre e Passeron, Jean-Claude (1987). *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*, (Recessão de Ana Paula Rosendo, 2009) (Tradução de C. Perdigão Gomes da Silva), Ed. Vega, s.d, Lisboa, 302

Quivy, Raymond e Campenhoud, Luc Van. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva Richardson, R. J. (1942). *Métodos e técnicas*. São Paulo, Ed Atlas.

Silva, Edna Lúcia da e Menezes, Estera M. (2001). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação*. 3ª Edição. Florianópolis: UFC.

Piaget, J. (1990). *Para onde vai a educação?* Lisboa: São Paulo.

Sobreira, F.C. (1998). *Abordagens Contemporânea em Antropologia e Educação*. São Paulo: s/ed, pp. 2-18.

Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e família: Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: ESE João de Deus.